

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

BACHARELADO EM FILOSOFIA

MILENA MONTEIRO RODRIGUES

**CAUSALIDADE NA INTERAÇÃO CORPO-MENTE
SEGUNDO DESCARTES**

RIO DE JANEIRO

2021

MILENA MONTEIRO RODRIGUES

**CAUSALIDADE NA INTERAÇÃO CORPO-MENTE SEGUNDO
DESCARTES**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal do Rio de Janeiro como pré-
requisito para a obtenção do título de Bacharel em
Filosofia

Orientadora: Ethel Menezes Rocha

RIO DE JANEIRO

2021

MILENA MONTEIRO RODRIGUES

CAUSALIDADE NA INTERAÇÃO CORPO-MENTE SEGUNDO DESCARTES

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal do Rio de Janeiro como pré-
requisito para a obtenção do título de Bacharel em
Filosofia

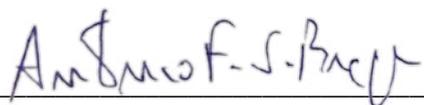
Rio de Janeiro, 24 de Maio de 2021

BANCA EXAMINADORA



Nota 9,5

Profa Dra. Ethel Menezes Rocha (Orientadora)
UFRJ



NOTA: 9,5.

Prof. Dr. Antonio Frederico Saturnino Braga



Nota 9,5

Prof. Dr. Pedro Costa Rego

RIO DE JANEIRO

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe por nunca desistir de mim e me incentivar a realizar meus sonhos. Em todo ensino e aprendizado para concluir meus estudos, muitas pessoas descreditaram de mim, e até mesmo afirmaram que eu nunca seria capaz de ler um texto e de concluir meus estudos, mas é inteiramente graças a minha mãe que estou aqui. Agradeço a ela, também, por ter me tornado uma pessoa independente e capaz de realizar minhas tarefas. Agradeço a minha avó e a minha querida irmã por estarem sempre comigo também. Agradeço aos amigos que fiz na graduação, no decorrer da minha vida nunca tive a oportunidade de fazer amizades e sempre estive sozinha, mas encontrei pessoas realmente muito boas, anjos que posso chamar de amigos hoje, esses são: Larissa Medeiros, Lara Xavier, Daniel Nascimento, Daniele Pacheco e Pedro Pedalini.

Agradeço ao meu namorado, Daniel Justo, por me ajudar, ele foi fundamental para minha conclusão de curso, sempre esteve me ajudando a conseguir estar presente nas aulas. Agradeço a Comissão Editorial da Revista Aproximação por acreditarem que sou capaz de realizar meu trabalho e serem pacientes comigo. Agradeço a professora Ethel por me permitir ser sua orientanda e realizar meu sonho de estudar Descartes, e além disso, me dar a honra de participar do seu grupo de estudos que foi e é muito importante no meu processo de aprendizado da filosofia de Descartes.

Resumo

O presente estudo examina o conceito cartesiano de interação entre as substâncias pensante e extensa. Mais precisamente, o objetivo do trabalho é investigar se o princípio de causalidade tal como é apresentado por Descartes em suas obras é adequado para explicar a interação entre essas substâncias no que diz respeito à produção de ideias sensíveis. O exame buscou investigar se o tipo de interação entre as substâncias extensa e pensante nesse contexto se apoia no conceito de causalidade, e se sim, qual a concepção de causalidade que está ali implicada. Foi defendido que há possibilidade de causalidade entre as substâncias pensante e extensa, e que essa causalidade acontece nos termos de causalidade tanto formal quanto objetiva. Isto é, que a causalidade se aplica tanto ao ato de pensar e quanto a seu conteúdo. Como consequência, foi defendido que os corpos são causas efetivas das ideias sensoriais.

Palavras-chave: Causalidade; Interação Corpo-Mente; Causalidade Corpo-Mente.

SUMÁRIO

- Introdução.....07
- O ocasionalismo em Descartes.....11
- Duas possíveis objeções à tese ocasionalista.....14
- Uma reconstrução da prova cartesiana da existência das coisas materiais e o princípio de causalidade..... 19
- A prova da existência das coisas materiais.....19
- Formulando um caminho para descobrir como a realidade objetiva da ideia é determinada..... 26
- Discussões de textos: duas formulações distintas para a tese da causalidade eficiente corpo-mente e inatismo das ideias sensoriais.....28
- Reconstrução da prova da união entre Corpo-Mente..... 31]
- A noção da inatidade das ideias sensoriais e seu conteúdo..... 33
- Problemas textuais: uma possível objeção..... 37

- Considerações finais.....39

1.Introdução:

Discutirei, neste texto que se segue, o aspecto da interação corpo e mente, tal como sustenta Descartes, segundo o qual os corpos são causas de ideias sensoriais. Irei me opor à visão tradicional que entende que, segundo Descartes, a interação Corpo-Mente envolve uma compreensão de causalidade como causalidade ocasional e argumentarei em favor da tese de que a interação Corpo-Mente deve ser entendida em termos de causalidade eficiente formal. Isto é, irei me opor à concepção de que os corpos são causas ocasionais das ideias sensoriais na mente, e defenderei a concepção de que os corpos são causas não ocasionais das ideias sensoriais, mas são causas no sentido de causa eficiente formal, tal como aparece em diferentes formulações do princípio de causalidade que Descartes nos oferece nas *Meditações Metafísicas*.

Explicando mais precisamente, para rejeitar a leitura desse aspecto da interação Corpo-Mente como envolvendo causalidade ocasional, pretendo discutir o que muitos intérpretes¹ afirmam, a saber, que esse tipo de interação embora regido pelo o que seria o princípio de causalidade cartesiano, esse princípio deve ser compreendido de uma determinada maneira que leva ao ocasionalismo. Esses autores defendem que, dado que, nas *Meditações*, Descartes formula o princípio de duas maneiras aparentemente distintas, devemos lê-lo como possuindo uma versão Fraca e uma versão Forte. Nessa leitura, o que seria a versão Forte acabaria por restringir a Fraca, impossibilitando assim, uma leitura alternativa do princípio, que é a leitura que eu pretendo oferecer neste texto.

¹ Alguns desses intérpretes contemporâneos: Geoffrey Gorham, Daniel Garber. Defensores da leitura ocasionalista contemporâneos de Descartes: Clerselier, Malebranche.

Como veremos em detalhes, os autores que sustentam a leitura ocasionalista da interação corpo/mente, fazem a leitura Forte do princípio de causalidade. Com ela, eles argumentam que Descartes sustenta que visto que, segundo Descartes, nossas ideias sensoriais não são semelhantes (não têm as mesmas propriedades) aos corpos que as causam², então os corpos não podem ser causas formais³ das ideias sensíveis. Segundo eles, o princípio de causalidade exige apenas que uma causa contenha as mesmas propriedades essenciais ou essas e mais excelentes que seu efeito, e isso implicaria a existência de uma relação de semelhança de propriedades entre a causa e o efeito. E é assim que, de acordo esses intérpretes, há uma restrição: a exigência de uma relação de semelhança de propriedades entre causa e efeito (presente na leitura Forte) restringe a aplicação do princípio de causalidade. Com isso, eles não admitem a leitura Fraca do princípio segundo a qual bastaria apenas que a causa e o efeito tivessem o mesmo grau de realidade (substância finita ou infinita ou modo da substância finita)⁴, e que, portanto, o que ocorre é uma causalidade formal das coisas com relação às ideias sensoriais.

Em síntese, segundo essa interpretação, a restrição consiste a partir da leitura Forte do princípio de causalidade, pois ela acaba rejeitando a leitura Fraca, que afirma um princípio mais geral. E assim, se o corpo e a mente não têm as mesmas propriedades (são substâncias que sabemos que sequer têm alguma propriedade em comum) então a causalidade envolvida na interação corpo e mente só pode ser uma causalidade ocasional: no momento em que a mente se depara com algo externo, ela atualiza as ideias sensoriais já existentes, ideias inatas.

² *Discurso IV, p.468-469, Dióptrica.*

³ Grifo, mais uma vez, que a causalidade formal é que a pretendo defender, em oposição à leitura ocasionalista.

⁴ Ver em AT IX 43.

Pretendo argumentar em favor de uma outra interpretação da concepção cartesiana de causalidade, a que admite uma causalidade não ocasional entre Corpo-Mente, isto é, no que diz respeito à causação das ideias sensíveis por corpos. Em oposição à tradição interpretativa exposta acima, argumentarei que o princípio de causalidade deve ser entendido em termos de graus de realidade, em vez de ser entendido em termos de similaridade de propriedades entre causa e efeito. Minha leitura propõe a defesa da interpretação do princípio de causalidade segundo a qual o princípio assumido por Descartes nesse contexto citado, admite tanto sua leitura Fraca quanto a Forte, o que acaba por 1) rejeitar a interpretação ocasionalista da causalidade envolvida na interação Corpo-Mente e 2) mostrar que a leitura Forte do princípio, ao contrário do que sustentam alguns intérpretes, não impede a leitura Fraca do princípio. Sustentarei que embora aparentemente uma impeça a outra, as duas leituras do princípio consistem em uma única. Pretendo defender que, no sistema cartesiano, a causalidade operante na produção de ideias sensoriais se explica com recurso a graus de realidade, o que exige apenas que haja pelo menos o mesmo grau de realidade entre causa e efeito. A exigência de que haja apenas o mesmo grau de realidade entre causa e efeito significa, na ontologia cartesiana, que substâncias podem causar substâncias e modos, e modos, que por sua vez, só podem causar modos. Visto que, ainda segundo a ontologia cartesiana, ideias são modos da substância pensante e corpos particulares são modos da substância extensa, é plausível defender que, segundo Descartes, corpos singulares são as causas das ideias sensoriais na mente. Como consequência, minha leitura defende que é possível que substâncias com propriedades diferentes causem efeitos sem que haja qualquer semelhança de propriedades entre a causa e o efeito. Dado que elas possuem pelo menos o mesmo grau de realidade, isso seria suficiente para serem causa e efeito, porque o que é exigido pelo

princípio de causalidade é, pelo menos, a semelhança de grau de realidade e não de propriedades.

Como uma segunda parte do texto, investigarei a ideia sensorial a fim de descobrir como sua realidade objetiva é determinada, já que já teremos provado como ela é causa formal dos atos de se ter ideias sensoriais. A partir disso, trago para minha discussão o texto de dois autores com o objetivo de argumentar que me apoiarei na conclusão de um dos dois. Organizo uma reconstrução da prova da união oferecida na Sexta Meditação para mostrar que a prova também tem como sua base os sentidos, é por meio das ideias sensoriais que temos consciência da união corpo-mente. Mais ainda, trago para o texto a noção de inatidade fornecida por Descartes em alguns de seus textos visando mostrar que é a própria noção de inatidade que é responsável pela compreensão da produção do conteúdo das ideias sensoriais. Com isso, resumi uma possível objeção a respeito dos corpos serem causas primárias ou remotas delas das ideias sensíveis, argumentando que é causa primária.

O meu exame da questão envolverá as seguintes etapas: em primeiro lugar, exponho o que é tradicionalmente entendido por projetar o ocasionalismo em Descartes, em segundo lugar, reconstruo a prova cartesiana da existência das coisas materiais, que envolve a origem das ideias sensoriais, visando defender que o uso do princípio de causalidade oferecido ali deve ser interpretado como envolvendo apenas graus de realidade.

Em terceiro lugar, trato de iniciar um caminho para descobrir como a realidade objetiva da ideia é determinada. Em seguida, trago para uma discussão textual a posição de dois autores em seus textos. Realizo então a reconstrução da prova da união corpo-mente com o objetivo de mostrar que é por meio dos sentidos, a partir deles, que compreendo que há união entre a substância pensante e extensa. Ademais, trago a noção

de inatidade tentando compreender com ela como o conteúdo das ideias sensoriais é determinado e considero uma possível objeção que poderia ser argumentada contra minha tese. Dado isso, passemos para a argumentação.

2.O ocasionalismo em Descartes

Em geral, os argumentos oferecidos para sustentar o ocasionalismo em Descartes têm como base a afirmação cartesiana de que a origem das ideias sensoriais são inatas⁵, e portanto, são produzidas unicamente pela mente. São ideias inatas que são ativadas na ocasião da experiência sensível, o corpo não participa da produção da ideia, mas apenas de sua ativação, Deus é a única causa das ideias sensoriais na mente.

Na Terceira Meditação, Descartes introduz o princípio que é muito importante para o panorama das *Meditações Metafísicas*, a saber, o princípio de causalidade. Os intérpretes⁶ que defendem o ocasionalismo em Descartes afirmam que o princípio de causalidade cartesiano possui duas formulações, que permitem duas leituras distintas do princípio: a primeira formulação permite uma leitura Fraca do princípio e a segunda formulação permite uma leitura Forte do princípio, e que a leitura Forte termina por impedir a leitura Fraca. Passo a expor as duas formulações, tais como são interpretadas por esses leitores de Descartes:

A formulação que admite uma leitura Fraca do princípio é retirada da seguinte passagem das *Meditações Metafísicas*: “[...] é coisa manifesta pela luz natural que deve haver ao menos tanta realidade na causa eficiente e total quanto no seu efeito.”⁷

⁵ Aqui há uma aparente contradição, a qual eu não pretendo discutir neste texto. A contradição se resume no fato de que, para Descartes, as ideias sensoriais, como todas as ideias, são inatas. Isso aparenta ir contra minha tese: se a natureza da ideia é inata, como a ideia sensorial é causada por corpos? As duas teses são conciliáveis se recorremos à noção de causa eficiente dos conteúdos representativos, entretanto, aqui neste texto eu pretendo apenas dar conta da causalidade formal e não da causalidade eficiente que envolve o conteúdo da ideia sensorial, sua realidade objetiva.

⁶ D.Garber, Steven Nadler, David Scott, G. Gorham, entre outros.

⁷ Parágrafo 16 da Terceira Meditação, versão francesa. AT XI 43.

Segundo esses autores, essa formulação do princípio de causalidade, pode ser parafraseada da seguinte maneira:

- X é causa eficiente e total de Y apenas se X contiver pelo menos tanta realidade quanto há em Y.

A formulação que permite uma leitura Forte do princípio é retirada da seguinte passagem das *Meditações Metafísicas*:

[...] a pedra que ainda não foi, não somente não pode agora começar a ser, se não for produzida por uma coisa que possui em si formalmente, ou eminentemente, tudo o que entra na composição da pedra, ou seja, que contém em si as mesmas coisas ou outras mais excelentes do que aquelas que se encontram na pedra.⁸

Ainda segundo esses leitores, essa formulação do princípio pode ser parafraseada da seguinte maneira:

- X é causa eficiente e total de Y apenas se X contiver formalmente ou eminentemente todas as propriedades que estão postas ou mais excelentes em Y.

Postas as leituras das duas formulações cartesianas do princípio de causalidade tais como leem os autores que defendem o ocasionalismo em Descartes, exponho, o que seria a visão dessa literatura para a causalidade Corpo-Mente, isto é, sua visão do porquê existe a impossibilidade dos corpos serem causas das ideias sensoriais na mente⁹, e a partir disso, como a tese ocasionalista se encaixaria nesse panorama como a melhor opção.

Segundo essa literatura, a leitura Forte do princípio de causalidade restringiria a leitura Fraca, e essa restrição se dá pelo fato de que a formulação que permite a leitura

⁸ Parágrafo 17 da Terceira Meditação, versão francesa. AT IX 43.

⁹ Atento que, como foi visto antes, a tese que eu pretendo defender neste texto é a de que os corpos são causas das ideias sensoriais, portanto, aqui seria a visão que essa literatura possui a respeito da minha tese. O objetivo foi trazer os argumentos que eles usam para rejeitar minha tese.

Fraca do princípio é uma formulação mais geral: qualquer substância poderia causar qualquer substância (porque substâncias têm o mesmo grau de realidade) e qualquer modo ou substância poderia causar qualquer modo porque substância tem mais grau de realidade que modos e modos têm o mesmo grau de realidade. A formulação que permite a leitura Forte do princípio, por sua vez, seria um recorte da Fraca, seria mais restrita porque nessa leitura algo só poderia ser causa de outro algo se contivesse pelo menos as mesmas propriedades do efeito.

Ainda segundo essa tradição, na leitura Forte do princípio, os corpos não podem ser causas formais ou eminentes de ideias sensoriais, já que ser causa formal ou eminente envolve ter ao menos as mesmas propriedades do efeito. Visto que segundo a tese cartesiana da distinção real entre as duas substâncias, a substância extensa não tem nenhuma propriedade em comum com a substância pensante, os corpos, modos da substância extensa, não poderiam ser causas formais nem eminentes das ideias sensoriais, que são modos da substância pensante. Assim, a interação Corpo-Mente só poderia ser entendida à luz de um ocasionalismo: a experiência sensível, isto é, a afecção de corpos no corpo seria mera ocasião para a mente atualizar as ideias sensoriais que são inatas, como qualquer ideia é inata. Explicando mais precisamente a relação do ocasionalismo com a inatidade das ideias: dado que, segundo Descartes, a ideia sensorial é inata, como todas as ideias, ao se deparar com um corpo, a mente ativa essas ideias que são inatas e, por isso, os corpos seriam apenas causas ocasionais das ideias sensoriais, seriam uma ponte para a ativação de algo que é produzido unicamente pela mente, a saber, as ideias sensoriais. A mente seria a causa efetiva da ideia sensorial.

Um dos defensores da tese ocasional é o comentador Geoffrey Gorham. Para ele, um dos motivos da causalidade não ocasional não ser possível é que os corpos não possuem as mesmas propriedades que a mente. Em seu artigo "*Causation and similarity*

in *Descartes*”, Gorham argumenta recorrendo a uma passagem de *Conversation with Burman* na qual segundo Burman Descartes afirma “*um axioma comum e um verdadeiro que o efeito é como a causa*”¹⁰. Mais tarde, em outro artigo “*Descartes on the Innateness of All Ideas*” Gorham se apoia em uma passagem de um texto de Descartes, *Comments on a Certain Broadsheet* [CSM I 304; AT VIII B 358-359] que, segundo ele, confirma sua argumentação no sentido de que não há nada nos corpos que sejam compatíveis com as ideias sensíveis, nenhuma propriedade, nem formalmente ou eminentemente¹¹. E por não haver semelhança de propriedades, uma não pode causar a outra. As ideias sensoriais vêm exclusivamente do meu poder de pensar e não, do corpo. Em ambos os artigos, Gorham afirma a necessidade de haver uma semelhança de propriedades entre a causa e o efeito, que como veremos ainda no decorrer deste texto, não é uma implicação necessária em Descartes.

2.1. Duas possíveis objeções à tese ocasionalista:

Uma primeira objeção se faz possível a essa interpretação desses autores que negam a causalidade não ocasional Corpo-Mente, por entender que o princípio de causalidade introduzido por Descartes exige que a causa tenha ao menos as mesmas propriedades que o efeito e que, portanto, causa e efeito sejam de algum modo semelhantes em propriedades. No caso da Mente e Corpo, a uma causalidade eficiente não é possível, por exemplo, por causa da seguinte passagem de *Comments on a Certain Broadsheet*:

“[...] se tivermos bem em mente o alcance dos nossos sentidos e o que é exatamente que atinge a nossa faculdade de pensar por meio deles, devemos admitir que em nenhum caso as ideias das coisas nos são presentes por meio dos sentidos exatamente como as formamos no nosso pensamento. Tanto assim que não há nada em nossas ideias que não seja inato à mente ou à faculdade de pensar, exceto naquelas circunstâncias relativas à experiência, tal como o fato de que julgamos que esta ou aquela ideia que temos agora imediatamente perante nossa mente se refere a uma certa coisa situada fora de nós. Fazemos tal juízo não porque essas coisas transmitem as ideias à nossa mente por meio dos órgãos dos sentidos, mas porque transmitem algo que, exatamente nesse momento, dá a mente a ocasião de formar essas ideias por meio da faculdade inata a ela. Nada chega à nossa mente a partir de objetos

¹⁰ CSMK 399.

¹¹ Gorham 2002, página 358.

externos por meio dos órgãos dos sentidos, exceto certos movimentos corpóreos[...] Mas nem os próprios movimentos nem as figuras que surgem a partir deles são concebidos por nós exatamente como ocorrem nos órgãos dos sentidos, como expliquei longamente em minha Ótica. Daí se segue que as próprias ideias dos próprios movimentos e das figuras são inatas em nós. As ideias de dor, cores, som e afins devem ser ainda mais inatas se, por ocasião de certos movimentos corporais, nossa mente for capaz de representá-las de si mesma, pois não há semelhança entre essas ideias e os movimentos corporais.” (tradução minha, de CSM I 304; AT VIII B 358-359)¹²¹³

Antes de examinar a passagem, gostaria de falar da posição de dois occasionalistas em questão, Geoffrey Gorham¹⁴, já aqui citado anteriormente, e Daniel Garber¹⁵. Os dois occasionalistas possuem posições diferentes, curiosas e problemáticas sobre a passagem abordada em questão, embora cheguem à mesma conclusão no final de suas argumentações, que é: as nossas ideias sensoriais possuem apenas origem inata, a mente é a única causa efetiva e por isso, a causa efetiva corpo-mente não pode ocorrer. Em sua leitura da passagem, Garber chega a admitir que o termo “ocasião” usado por Descartes não seria tão importante para basear sua interpretação occasionalista quanto é o fato de Descartes sustentar que as ideias sensoriais não são semelhantes ao conteúdo que representam:

“Sua [de Descartes] preocupação aqui não é (principalmente) a conexão causal entre a estimulação sensorial e a ideia sensorial resultante. O que o preocupa é a sua total disparidade, o fato de que a ideia sensorial não é nada parecida com os movimentos que a provocam.”¹⁶

Nesse sentido, concordo com Garber, o termo “ocasião” utilizado por Descartes em seus textos não chega a ser conclusivo a ponto de ser possível concluir um occasionalismo somente a partir do uso dele. Na melhor das hipóteses, me parece somente uma questão textual, ou seja, um termo sem comprometimento teórico, como veremos posteriormente. Pretendo discutir posteriormente neste texto, se a palavra “ocasião” se remete a um tipo

¹² CSM I 304; AT VIII B 359-359.

¹³ Essa também é uma passagem utilizada por Gorham para fundamentar sua posição.

¹⁴ Ver argumentação de Gorham em: GORHAM, G. 1999. “Causation and Similarity in Descartes.” In *New Essays on the Rationalists*, edited by R. J. Gennaro and C. Huenemann, 296 – 309. New York: Oxford University Press.
Ver GORHAM, G. (2002). *Descartes on the Innateness of All Ideas. Canadian Journal of Philosophy*, 32(3), 355–388.

¹⁵ Ver argumentação de Garber em: GARBER, D. (1993) Descartes and occasionalism. In Steven Nadler (ed.), *Causation in Early Modern Philosophy*. Pennsylvania State University Press. pp. 9—26.

¹⁶ Tradução minha, conferir: GARBER, D. (1993) Descartes and occasionalism. In Steven Nadler (ed.), *Causation in Early Modern Philosophy*. Pennsylvania State University Press. pp. 9—26.

de formação das ideias. Como disse anteriormente, pretendo argumentar que essa formação não é o único aspecto da construção da ideia sensorial.

Gorham, inicia sua argumentação aceitando como hipótese, que o corpo poderia ser causa formal das ideias sensoriais, mas somente se o corpo fosse semelhante à ideia que possuo dele em minha mente, ou se houver propriedades compartilhadas com a mente. Entretanto, como isso não ocorre, não é possível que o corpo seja a causa das ideias sensoriais na mente.

Retomando minha questão e explicando mais precisamente o que foi abordado no argumento de Gorham: segundo alguns intérpretes, uma das exigências para que algo seja causa eficiente de outro algo é que ele possua as mesmas propriedades essenciais formalmente ou eminentemente mas isso, entretanto, envolve um tipo de semelhança entre a causa e o efeito, que no caso da Mente e Corpo, não há. O Corpo não possui nenhuma propriedade em comum com a Mente, logo, o corpo não pode ser causa das ideias sensoriais na mente. O corpo não pode ser causa da realidade objetiva da ideia e, nessa medida, as ideias sensoriais não vem do corpo, mas são, ao contrário, somente inatas. Para esses intérpretes cartesianos, a passagem oferece embasamento suficiente para concluir que Descartes entende a interação Corpo-Mente em termos ocasionais, porque não há semelhança de propriedades entre causa e efeito no que tange ao corpo e a mente, o que tem como consequência que a mente produz as ideias sensoriais apenas pela sua faculdade inata. Entretanto, é possível observar que se chegarmos até o fim da passagem de forma atenta, veremos que isso não pode ser exatamente assim.

No final da passagem, como podemos ver, Descartes afirma que explicou a questão longamente em sua **Ótica [Dióptrica]**, logo, é necessário que se confira o que foi dito lá para entender de uma forma mais clara o que foi abordado no texto. Na **Ótica**, Discurso IV, Descartes afirma que os objetos externos não são semelhantes à realidade objetiva de nossas ideias, isto é, ao conteúdo representacional de nossas ideias, mas isso não quer dizer que os conteúdos das ideias sensoriais não sejam causados por corpos, Descartes mesmo fala que a mente recebe algo do corpo, e não importa que não sejam semelhantes em propriedades, vejamos:

“[...] [se nós] preferirmos admitir que os objetos que sentimos enviam verdadeiramente suas imagens até dentro do nosso cérebro, é preciso ao menos notar que não há quaisquer imagens que devam assemelhar-se em tudo aos objetos que elas

representam; porque, de outra maneira, não haveria qualquer distinção entre o objeto e sua imagem, mas basta que elas lhes assemelhem em poucas coisas e até, muitas vezes, sua perfeição depende do fato de elas não se lhes assemelharem tanto quanto poderiam fazer.”¹⁷

Para complementar, nesse mesmo texto, Descartes ainda discute como considerar as imagens que são formadas em nosso cérebro: “é somente questão de saber como elas podem servir de meios para a alma sentir qualidades dos objetos aos quais elas se relacionam, e não como elas têm em si sua semelhança”¹⁸. A partir dessas passagens, portanto, é possível argumentar que é falho o argumento que nega a existência de uma causalidade não ocasional, isto é, que nega uma causalidade eficiente entre corpo e alma, com base na suposição de que para ser causa eficiente formal deve haver semelhança de propriedades essenciais entre a causa e o efeito.

Embora não haja semelhança de propriedades essenciais entre corpo e alma, ainda assim, sugiro, há uma relação de causalidade entre corpo e alma no que diz respeito às ideias sensoriais. O fato das ideias sensoriais serem inatas na mente não exclui a possibilidade de uma causalidade eficiente existente entre Corpo-Mente. De fato, há uma disparidade nos textos de Descartes, ele faz tanto o uso da linguagem causal quanto da ocasionalista. Entretanto, em minha opinião, como foi dito anteriormente, penso que isso é somente uma questão textual ou de interpretar o termo de outro modo ao olhar todo o sistema cartesiano, explicarei: na passagem colocada acima, penso que Descartes citou sua *Dióptrica* no local exatamente porque não pretendia que sua formulação da interação Corpo-Mente, que leva em conta a causa das ideias sensoriais, fosse entendida em termos ocasionais. O uso do termo ocasional não significa que Descartes mudou de opinião, porque não é possível que ele sustente o argumento da passagem apenas com o uso do mesmo.

Como consequência, defendo a tese de que o corpo pode sim, ser causa eminente ou causa formal das ideias sensoriais. Desse ponto de vista, meu argumento sustenta que há uma relação de semelhança existente entre Corpo e Mente, mas minha ideia é que essa semelhança seja a respeito ao grau de realidade existente nas duas substâncias. Mais precisamente, vou oferecer algumas explicações da minha argumentação. Admitindo que

¹⁷ *Dióptrica*, Discurso IV.

¹⁸ *Dióptrica*, Discurso IV.

o princípio de causalidade seja entendido como referindo-se a graus de realidade, e não a propriedades essenciais, é possível conceber que, embora não possua as mesmas propriedades essenciais, o corpo seja a causa das ideias sensoriais na mente. O que justifica essa afirmação é que, tendo em vista que segundo Descartes corpos singulares e ideias são modos de substâncias, da substância extensa e da substância pensante respectivamente, corpos e ideias têm o mesmo grau de realidade, a saber, são modos de substância e, nesse sentido, podem ser causa uns dos outros mesmo que não haja uma semelhança de propriedades. Meu ponto é que mesmo que a semelhança fosse um critério de satisfação para que as substâncias se causem, ele seria falho. Para sustentar textualmente a argumentação acima que entende o princípio causal de Descartes em termos de graus de realidade, ofereço a passagem onde Descartes afirma que as substâncias também podem ser tomadas como modos, observemos, LXIV de Princípios da filosofia I:

“O pensamento e a extensão também podem ser tomados como modos de uma substância, [...] e um e o mesmo corpo, conservando a sua quantidade, pode se estender em vários modos diversos [...] Eles são, portanto, distinguidos modalmente da substância e podem ser entendidos não menos clara e distintamente do que ela, desde que sejam considerados, não como substâncias, ou como certas coisas separadas das outras, mas tão-somente como modo das coisas”.¹⁹

Ademais, embora seja correto afirmar, como segundo alguns intérpretes cartesianos, que para Descartes corpo e ideia não podem ter o mesmo tipo de propriedade, é completamente possível que o corpo seja a causa de ideias sensoriais na mente porque corpo e alma têm o mesmo grau de realidade, o que garante um certo tipo de semelhança entre eles e, por essa razão, a possibilidade de um causar o outro.

O corpo é um modo da substância extensa e, como modo, pode causar a ideia que também é modo de substância, nesse caso, da substância pensante. Modo causa modo, porque modo possui o mesmo grau de realidade que outros modos. Os modos da substância extensa causam ideias sensoriais que são modos de pensar, isto é, modos da substância pensante. Esses modos possuem o mesmo grau de realidade, embora não

¹⁹ DESCARTES, R. Descartes: *Os Princípios da Filosofia Moderna*. O Cartesianismo posto em Questões. In *Analytica*, UFRJ, Revista de Filosofia, Vol. 3, Nº 1, Rio de Janeiro, 1998.

possuam as mesmas propriedades essenciais. Se é assim, é totalmente possível conceber a causalidade Corpo-Mente em termos não ocasionais e sim como causalidade eficiente, mas estou disposta a desenvolver essa tese ainda mais, essa não é a tese central do meu argumento, pretendo falar a respeito de outro detalhes existentes a respeito da causa eficiente.

3. Uma reconstrução da prova cartesiana da existência das coisas materiais e o princípio de causalidade

3.1. A prova da existência das coisas materiais

Na Terceira Meditação, Descartes introduz sua prova da existência do mundo externo. A prova se inicia com a premissa de que há em mim uma faculdade passiva de perceber ideias dos objetos sensíveis. A passividade dessa faculdade é atestada pelo fato de que as ideias sensíveis ocorrem independentemente da minha vontade. Se estou diante de um objeto sensível, em condições normais, percebo esse objeto pelos meus sentidos quer queira, quer não. Nas palavras de Descartes, essas ideias “produzem-se sem a minha cooperação e, com frequência, até contrariando minha vontade”²⁰. Se há uma passividade, deve haver alguma atividade e, portanto, a percepção de minha passividade quanto a ideias sensoriais implica que algo aja sobre mim quando tenho essas ideias. Entretanto, segundo Descartes, não é possível que isso que age sobre mim quando tenho essas ideias seja eu mesmo que, precisamente falando, até o momento da prova, só posso afirmar ser uma mente, apenas uma coisa que pensa. E se eu sou sujeito de consciência (como

²⁰ Parágrafo 19, Terceira Meditação, versão latina. AT IX 43.

provado na Segunda Meditação), se eu fosse a atividade que produz essas ideias sensoriais, eu teria consciência disso, coisa que não ocorre.

A partir disso, Descartes afirma que a causa das ideias sensíveis pode ser uma causa eminente ou formal. Eminente no sentido de que essa causa pode ser Deus ou alguma outra coisa superior ao corpo na escala ontológica, e formal no sentido de que essa causa pode ser algum corpo, no qual “está contido formal e efetivamente tudo o que está contido nas ideias objetivamente e por representação”²¹. Entretanto, afirma que não é possível que essa causa seja eminente, dado que Deus não é enganador e não me dá nenhuma inclinação a pensar que ele ou algo com mais realidade que os corpos sejam a causa das minhas ideias sensoriais. Ao contrário, esse Deus veraz me dá uma inclinação forte e incorrigível a pensar que essas ideias vêm das coisas das quais são ideias. Logo, essas ideias têm os corpos como causa e, conseqüentemente, coisas externas a minha mente existem. Na parte principal do argumento em favor da existência do mundo material, Descartes conclui essa existência a partir de uma forte inclinação, da veracidade de Deus e da incorrigibilidade dessa forte inclinação. E sendo assim, é assim necessário “confessar que as coisas corporais existem”²².

Mas a causa dessas ideias em mim seria uma causa formal? Veremos. Dado o argumento de que sei que os corpos existem porque sei que são causas das ideias sensoriais, resta avaliar que tipo de causalidade é essa. Como é dito por Descartes, a causa pode ser formal ou eminente. Isto é, há entre a causa e o efeito algum tipo de semelhança. Se lermos essa formulação como significando que a causa deve ter as mesmas propriedades que seu efeito (causa formal) ou essas e mais algumas (causa eminente), dizer que a causa das ideias sensoriais são os corpos, implica que ideias sensoriais são de

²¹ Parágrafo 18, Terceira Meditação, versão latina. AT IX 43.

²² Parágrafo 17, Terceira Meditação, versão latina. AT IX 48-49.

algum modo semelhantes aos corpos. Mas se, como vimos, corpos e mentes não têm qualquer propriedade em comum, estar contido formal ou eminentemente não pode significar que haja semelhança de propriedades entre os corpos e suas ideias, e sim que há uma semelhança apenas de grau de realidade, como eu ainda pretendo sugerir no texto. A causa são os corpos porque o efeito (a ideia sensível) exhibe algo com o mesmo grau de realidade desses: se o efeito (a ideia) é modo, ele pode ser causado por outro modo (corpos) de qualquer substância ou por uma substância qualquer. Se minha fortíssima e incorrigível inclinação a achar que as ideias sensoriais são causadas pelos corpos é garantida por um Deus veraz, então, os corpos são causas formais (ou eminentes) das ideias sensoriais apenas porque têm pelo menos tanta realidade quanto às ideias sensoriais. Desse modo, podemos concluir que o corpo é causa formal (ou eminente) da realidade objetiva e não apenas uma causa ocasional das ideias sensoriais, porque tem pelo menos tanto grau de realidade atual quanto as ideias sensoriais têm de objetiva.

É preciso salientar que a realidade objetiva exibida na ideia sensível (ou em qualquer ideia), para Descartes não implica, necessariamente, que o corpo representado exista fora da mente, como em uma resposta a Caterus, Descartes afirma: "‘ser objetivo no intelecto’ aqui não significa ‘a determinação de um ato do intelecto por meio de um objeto’ mas significa apenas o ser do objeto no intelecto à maneira que os seus objetos têm o costume de aí existir [...]"²³ Mais ainda, como já vimos, entre a ideia de um objeto e o objeto representado, existente ou não fora mente, não há propriamente uma relação de semelhança, como mais uma vez diz Descartes no **Discurso IV**, em sua **Dióptrica**, "para [as ideias] serem mais perfeitas na qualidade de imagens e representarem melhor

²³ AT, VII, "*Primae Responsiones*", p. 102; AT, IX-1, "*Premières Réponses*", p. 82.

um objeto, elas não devem assemelhar-se a eles”²⁴. Mas se, como vimos pela prova da existência do mundo externo, são os objetos que causam as ideias que os representam, entre os objetos e as ideias há, pelo menos, uma relação de correspondência.

É necessário, portanto, avaliar no que consiste essa relação de correspondência entre os corpos e os conteúdos das ideias sensíveis. Se as ideias não são semelhantes aos objetos que representam, mas correspondem a eles, essa ideia de relação de correspondência parece vir substituir a ideia de relação de semelhança de propriedades entre corpos e ideias. Os comentadores da obra de Descartes que defendem a leitura ocasionalista da interação corpo e mente, entretanto, insistem que se há uma relação de correspondência, então há semelhança entre os elementos da relação que, no caso de ideias sensíveis e corpos, seria uma relação de semelhança de propriedades. Mas como Descartes admite expressamente que as ideias não são semelhantes aos corpos que representam, sustentam esses comentadores, a causalidade corpos/ideias sensíveis só pode ser segundo o modelo causa ocasional.

Essa leitura ocasionalista pretende resolver o problema da causalidade negando que haja qualquer relação de semelhança entre ideias e objetos termina por deixar em aberto a possibilidade de explicação de como ideias correspondem a objetos. Em linhas gerais, recapitulando os argumentos da interpretação ocasional corpo/mente que foram anteriormente colocados neste texto e inserindo a questão da correspondência, segundo esses intérpretes, dado que há uma imposição obrigatória da leitura Forte do princípio de causalidade (que afirma que há uma semelhança de propriedades entre causa e efeito) sobre a leitura Fraca (que afirma que há uma relação de semelhança de grau de realidade entre causa e efeito), para produzir a ideia de corpo é necessário que a ideia na mente

²⁴ Dióptrica 468-469. *A Dióptrica*, publicado por *Scientle Studia*, v.8.n, p. 451-86,2010. Traduzido do francês por José Portugal dos Santos Rosa, revisão técnica de Pablo Rubén Miranda.

exiba propriedades em comum com as do corpo. E como não pode haver propriedades semelhantes entre ideias e corpos, as ideias sensoriais são produzidas apenas pela mente e não correspondem aos corpos de nenhuma maneira. Assim, concluindo, as ideias sensoriais seriam inatas e ocasionadas, ou seja, produzidas pela mente quando há estímulo no corpo que, entretanto, não participa dessa produção e por consequência, da ocasião. Concluo, com essa recapitulação, e em oposição a esses intérpretes, que há uma correspondência entre ideias e coisas, mas essa correspondência não se explicaria por uma relação de semelhança de propriedades essenciais.

Considerando a Terceira Meditação percebe-se que Descartes admite conhecimentos fornecidos pelos sentidos. O conteúdo das ideias das qualidades sensíveis indica que há uma variação nas coisas, indica que há uma variedade nas coisas do mundo. Entretanto, isso não implica que as coisas sejam tais como as vejo, pelo contrário, há um correlato, uma correspondência com aquilo que vejo, mas não há nenhum tipo de semelhança, veremos que esse correlato pode dizer respeito aos graus de realidade.

É possível uma compreensão da tese cartesiana segundo a qual, embora não haja semelhança de propriedades entre ideias e coisas, há uma relação de semelhança de graus de realidade. Essa relação explica a correspondência entre corpos/ideias sensíveis e considera a causalidade corpo/ideia sensível como uma causalidade formal e não ocasional. Ao menos no caso das ideias sensíveis, portanto, a noção de correspondência parece poder envolver uma outra relação de semelhança que não a de semelhança de propriedades entre causa e efeito, a saber, a relação de semelhança de graus de realidade entre o objeto e a ideia.

Minha leitura, de argumentar em favor de uma causalidade formal corpo/mente por meio da semelhança dos graus realidade exige apenas que haja o mesmo grau de realidade entre causa e efeito para que haja a correspondência entre ideias sensoriais e

corpos. O que está a meu favor é que, segundo Descartes, modos podem causar modos, e corpos e ideias são modos, isto é, estão na mesma posição de realidade na escala ontológica, vejamos, em suas palavras em LXIV de **Princípios da filosofia I**:

O pensamento e a extensão também podem ser tomados como modos de uma substância, [...] e um e o mesmo corpo, conservando a sua quantidade, pode se estender em vários modos diversos [...] Eles são, portanto, distinguidos modalmente da substância e podem ser entendidos não menos clara e distintamente do que ela, desde que sejam considerados, não como substâncias, ou como certas coisas separadas das outras, mas tão-somente como modo das coisas.²⁵

Assim, visto que as ideias sensoriais, tal como toda ideia, é modo de pensamento e que os corpos singulares que causam essas ideias são, modos da substância extensa, é possível que corpos singulares sejam a causa das ideias sensoriais na mente, porque há uma semelhança de graus de realidade, e portanto, uma correspondência.

Essa leitura alternativa que atribui à causalidade a necessidade de uma relação de semelhança não de propriedades, mas sim de graus de realidade, nos levaria à conclusão de que as diferentes formulações do princípio de causalidade apontam para uma única formulação do princípio. Explico, vejamos as passagens que sustentam a leitura Forte do princípio nas duas versões do texto cartesiano:

Versão latina:

“ [...] uma pedra que antes não existia só pode começar a existir se for produzida por alguma coisa em que esteja ou formal ou eminentemente **tudo o que está posto na pedra, isto é, que contenha em si as mesmas coisas ou outras mais excelentes do que as que estão na pedra**, e nem o calor pode ser introduzido em um sujeito que antes não era quente, **a não ser por uma coisa de uma ordem, grau ou gênero de perfeição ao menos igual à do calor, e assim por diante.**” (grifo meu)²⁶:

²⁵ DESCARTES, R. Descartes: *Os Princípios da Filosofia Moderna*. O Cartesianismo posto em Questões. In *Analytica*, UFRJ, Revista de Filosofia, Vol. 3, Nº 1, Rio de Janeiro, 1998. AT IX 48.

²⁶ Parágrafo 17 da Terceira Meditação, versão francesa. AT IX 43.

Versão francesa:

“ [...] a pedra que ainda não foi, não somente não pode agora começar a ser, se não for produzida por uma coisa que possui em si formalmente, ou eminentemente, **tudo o que entra na composição da pedra, ou seja, que contém em si as mesmas coisas ou outras mais excelentes do que aquelas que se encontram na pedra;** e o calor não pode ser produzido em um objeto que dele era privado anteriormente **se não for por uma coisa que seja de uma ordem, de um grau ou de um gênero ao menos tão perfeito quanto o calor, e assim os outros.**”. (grifo meu)²⁷

Ao comparar as versões latina e francesa do texto, é possível concluir que não há nada nesses textos que obrigue a ler o princípio de causalidade na versão Forte, isto é, segundo a qual há entre causa e efeito uma semelhança de propriedades. É possível interpretar que nas duas versões, respectivamente, na versão francesa e latina ‘tudo que entra na composição da pedra’ e ‘tudo o que está posto na pedra’, como é expressamente dito na passagem, o princípio diz respeito ao grau ou gênero de perfeição de realidade e não necessariamente a propriedades essenciais em comum. Concluo, portanto, que as duas formulações do princípio de causalidade introduzidas por Descartes podem ser convertidas em uma única. Nas duas versões, eles podem ser entendidos em termos de graus de realidade.

4) Formulando um caminho para descobrir como a realidade objetiva da ideia é determinada

Concluída a argumentação em favor da causalidade quanto à realidade formal das ideias, resta-nos passar para a argumentação a respeito da causalidade referente à realidade objetiva da ideia que, como sabemos, é o próprio conteúdo da ideia. Resumindo,

²⁷ Parágrafo 18 da Terceira Meditação, versão latina. AT IX 44.

quando dizemos que a ideia sensorial é causada formalmente, falamos da causa do seu ato de pensamento, mas é necessário compreender a causa da ideia sensorial também quanto a seu conteúdo. Como vimos, na causalidade quanto à realidade formal da ideia (isto é, quanto à existência do ato de representar), é possível que os corpos sejam a causa das ideias sensoriais, mas precisamos saber e discutir a respeito do conteúdo da ideia que, como sabemos, é como uma ideia se distingue uma da outra. Trata-se de discutir como ele é determinado.

Em *Objeções e Respostas*, nas definições, Descartes oferece uma explicação a respeito da realidade objetiva das ideias, ele afirma que [...] com isso (realidade objetiva) quero dizer o ser da coisa que é representada por uma ideia, na medida em que esta existe na ideia²⁸. O ser da coisa, como foi visto, é o conteúdo exibido na ideia e Descartes conclui a definição afirmando que tudo que identificamos no objeto de nossas ideias existem objetivamente nelas, portanto, como parte do seu conteúdo. Dado isso, resta procurar, nos textos de Descartes, argumentos favoráveis para a tese de que a realidade objetiva das ideias sensoriais são causadas por corpos. Toda a discussão apresentada acerca do modo como a causa é semelhante a seu efeito, mas relativamente ao grau de realidade e não a propriedades, se aplica aqui também no caso do conteúdo das ideias. A semelhança entre o conteúdo exibido na ideia e a causa desse conteúdo diz respeito ao grau de realidade e não à propriedades, já que o conteúdo da ideia é parte de um modo do pensamento, a ideia enquanto realidade formal. Uma passagem que apoia minha leitura de que o conteúdo das ideias são produzidos pelos corpos está na correspondência de Descartes com Hyperaspistes de agosto de 1641²⁹. Nela, Descartes responde a objeção de Hyperaspistes afirmando que é certo que o mundo visível não é produzido pela mente humana e conclui seu argumento dizendo que:

Eu provei a existência de coisas materiais não pelo fato de termos ideias sobre elas, mas pelo fato de que essas ideias vêm até nós de tal forma que nos conscientizam de que elas não são produzidas por nós mesmos, mas vêm de outros lugares.³⁰

²⁸ Tradução minha, CSM II 114.

²⁹ CSMK 193, AT III 429.

³⁰ CSMK 193, AT III 429.

Sendo assim, podemos inferir que a referência “vêm de outros lugares” diz respeito ao mundo externo.

Entretanto, ao buscar compreender a causa do conteúdo da ideia sensorial, busco, além disso, dissolver uma aparente contradição, disparidade, existente na alegação de Descartes de que as ideias sensoriais, como todas as ideias, são inatas com o que defendo, isto é, que, apesar disso, as ideias são causadas por corpos.

5. Discussões de textos: duas formulações distintas para a tese da causalidade eficiente corpo-mente e inatismo das ideias sensoriais

Antes de mais nada, para formular meu ponto de vista, apresentarei de um modo geral a posição de dois autores que apoiam a tese de que os corpos são causas das ideias sensoriais, mas de pontos de vista completamente diferentes, nos seguintes textos: Descartes on Sensation – A defense of the Semantic-Causation Model de Andrew Chignell e Descartes and the Curious Case of the Origin of Sensory Ideas de Raffaella de Rosa. Com a análise da construção dos textos, irei expor as teses fundamentais dos dois autores que nos leva à tese central de que as ideias sensoriais são causadas por corpos, a qual eu também pretendo defender.

De Rosa defende a tese dos corpos serem causas das ideias sensoriais afirmando que há um problema de interpretação, que há uma confusão ao tentar conciliar os textos de Descartes sobre as ideias sensoriais serem inatas e, mesmo assim, causadas por corpos. Essa confusão, segundo ela, acontece porque os intérpretes estão confundindo a questão psicológica de como as ideias sensoriais são adquiridas com a questão metafísica de como o conteúdo dessas ideias é determinado. A conclusão de De Rosa é a de que a própria inatidade das ideias sensoriais é explicativa, pois ela explica por quê os estados corporais devem ser causas de ideias sensoriais. Aprofundando na posição de De Rosa, ela afirma a alegação de que as ideias sensoriais são inatas e causadas por corpos são, à primeira vista, inconsistentes, porque aparentemente, uma ideia que é causada pela mente, não poderia ser causada por corpos.

Ela vai defender que essa inconsistência não ocorre porque Descartes mudou de opinião, mas por uma confusão de distinção filosófica entre a questão metafísica e psicológica da origem das ideias, para solucionar isso, ela oferece as duas questões que precisam ser distintas : a) como chegamos a uma determinada ideia (x); b) como que a ideia adquirida passa a ser essa ideia determinada (x). Vejamos um exemplo oferecido por ela para mostrar como essas duas questões que devem ser distintas são geralmente confundidas e em vez de fazer com que as alegações de Descartes sejam complementares, apontam que há uma inconsciência entre as alegações dele.

Ela mostra o caso desencadeante, o raciocínio deles, segundo ela: a) é sobre os mecanismos psicológicos que são subjacentes à aquisição da determinada ideia; b) é metafísica, é sobre como uma determinada ideia representa o que representa. Segundo ela **a** e **b** estão, obviamente, relacionadas, uma implica a outra, em circunstâncias comuns, a ideia representa o que causou sua causa. Mas se uma ideia é inata ou aprendida, isso é condição da natureza dos mecanismos psicológicos. Ela traz como exemplo uma causa bruta e uma motivação racional, com isso, ela conclui que as questões **a** e **b** acontecem em paralelo apenas se assumirmos como o conteúdo da ideia é determinado através da forma como uma ideia é adquirida e também, se desconsideramos seus diferentes modos de aquisição. Esse exemplo, que leva em conta uma aquisição de dois conceitos por meio de uma interação entre a estrutura cognitiva com o ambiente, falha em distinguir as questões, porque ele apenas tenta defender a origem das ideias através de fatores internos e externos.

Sendo assim, ao entender a questão da origem das ideias através da formulação de uma pergunta que leva em conta a origem das ideias e seu conteúdo representacional, ela sugere que com isso, devemos perguntar por que corpos podem ser como antecedentes necessários das ideias das quais são causas. A partir disso, ela apresenta sua solução na qual mantém as duas questões distintas e oferece porque os corpos podem ser causas genuínas por meio de antecedentes que são necessários para gerar as ideias sensoriais.

Em sua sugestão, ela sustenta que Descartes afirma que as ideias sensoriais podem ser inatas e mesmo assim, causadas por corpos (CSMI 295 AT VII 345). E que devemos ler o restante das passagens nas quais Descartes afirma que as ideias sensoriais são inatas como uma questão psicológica, em vez de entender metafisicamente como o conteúdo dessa ideia se determina. Com isso, a ideia dela é que adquirimos as ideias sensíveis através do mecanismo da mente, a causa bruta, sua posição é de que Descartes

defende que as ideias sensoriais são inatas por causa do mecanismo da causa bruta, é através desse mecanismo que as ideias sensoriais são entregues a mente. Pelo mecanismo, as ideias sensoriais não são aprendidas, mas inatas e produzidas quando os órgãos dos sentidos são estimulados de determinadas maneiras.

Já em relação a Chignell, seu objetivo é construir um modelo semântico-causal, a partir de uma perspectiva naturalista da filosofia de Descartes. Em seu trabalho, Chignell argumenta que os movimentos cerebrais que são gerados através de impulsos nervosos, fazem com que figuras sejam produzidas no cérebro, assim, a mente produz através dela mesma as ideias sensíveis das quais as figuras significam. Segundo ele, os estados cerebrais são ocasiões da eficiência da mente na causa das sensações, é a mente que é ativa na produção das ideias sensoriais, enquanto que o corpo é passivo, ele apoia um ocasionalismo em sentido fraco, e ao mesmo tempo, afirma que tanto a mente, quanto o corpo, são causas efetivas das ideias sensoriais, entretanto, no que diz respeito ao corpo, essa causa não é próxima.

A questão é que Chignell considera que o corpo não é uma causa primária, e portanto, próxima das ideias sensoriais, mas é uma causa acidental e distante, remota. A semântica de seu modelo consiste em fundamentar poderes e disposições do sistema do cérebro e da mente humana, esses poderes e disposições são resultado do ato criativo da divindade. Ele conclui, portanto, que os movimentos no cérebro são de causas naturais, em oposição às causas convencionais das ideias sensoriais.

Ademais, aprofundando na questão de Chignell, seu modelo semântico causal defende que os estados corporais contam como causas parciais das nossas sensações desde que, na sensação, a mente cause em si mesma. Mais precisamente, o estado cerebral, que é ativo, coexiste com a ocasião efetiva a partir dos corpos, para a produção, ainda que parcial, da ideia sensível. Isto é, seu modelo propõe uma harmonia entre a tese de que as ideias sensíveis são produzidas por corpos, parcialmente e efetivamente, e mesmo assim, são produzidas ativamente pela mente. Entretanto, Chignell defende que essa causa efetiva parcial do corpo na mente é uma causa remota, acidental em oposição a uma causa primária, que seria a mente.

Além disso, ele defende que Descartes afirma que as figuras não precisam ser semelhantes aos objetos dos quais são ideias, mas elas desempenham um papel de sinais para a mente, na qual produz por si mesma os objetos. A ideia de Chignell é que os estados cerebrais são ocasiões da eficiência da mente, que é imanente, e causa as sensações, mas

em sua tese, ele defende um ocasionalismo em sentido fraco. Nesse modelo que aponta um ocasionalismo em sentido fraco, ele diz que porque a mente desempenha um papel de significante, ela também conta como causa eficiente da atividade da mente, portanto, ela causa as próprias sensações. E enfim, também em seu modelo, Chignell dá conta de que as ideias sensoriais são inatas ao afirmar que elas são produzidas pela mente.

Como foi visto, ambos autores discordam, mas chegam quase na mesma tese, De Rosa dá conta do vocabulário ocasionalista por meio de uma distinção das questões psicológica e metafísica, enquanto que Chignell afirma uma ocasião em sentido fraco defendendo um modelo semântico-causal onde as teses eficiente e ocasional entram em harmonia coexistindo por meio de uma causa parcial corpo-mente. É possível admitir que ambos defendem uma causalidade efetiva da interação corpo-mente no que diz respeito as ideias sensoriais. Chignell afirma uma causa parcial corpo-mente, enquanto que De Rosa afirma a causa efetiva e total entre corpo-mente. Pretendo, a partir de agora, construir um novo caminho para minha tese, no entanto, minha conclusão é a mesma que a de De Rosa com a diferença de muitos detalhes, mostrarei também, no decorrer do texto, que embora eu tenha muitas discordâncias com a tese de Chignell, concordo com sua tese final de que os corpos e a mente são causas das ideias sensoriais, mas em outros termos. Quanto à De Rosa, embora eu vá percorrer um caminho alternativo a sua argumentação, isto é, conduzirei minha argumentação por meio de outro caminho, também vou concluir que é a própria natureza da inatidade, o próprio mecanismo da mente que é responsável pelas ideias sensoriais serem causadas por corpos. Como podemos ver, os dois autores possuem a mesma conclusão, mas percorrem caminhos diferentes com razões diferentes para chegarem em suas teses, pretendo fazer o mesmo, embora hajam razões para que meu percurso esteja mais próximo de De Rosa.

6. Reconstrução da prova da união entre Corpo-Mente

Na Sexta Meditação, Descartes prova a existência da união corpo e alma. Após falar da natureza de Deus, Descartes fala a respeito do que ele entende por ser a sua própria natureza, essa natureza faz parte do conjunto de coisas que Deus o ofereceu. Essa prova considera os sentidos, as ideias sensoriais, como pano de fundo. Vejamos. O argumento da união mente e corpo parte do pressuposto de que minha natureza me ensina expressamente e sensivelmente que tenho um corpo porque tenho sensações. Como a mente pura não pode ter sensações, é necessário que haja um corpo unido à mente que explique porque tenho sensações. E por isso, não devo duvidar que haja alguma verdade nisso, isto é, não devo duvidar que contém uma verdade nesses sentimentos porque são sentimentos dados pela minha natureza que é criada por Deus. Sendo assim, tenho um corpo, um corpo que é unido a uma alma.

Ainda em relação a natureza, ela me ensina, através dos sentimentos e sensações que possuo, que não estou simplesmente “em meu corpo como um piloto em seu navio”³¹, mas lhe estou confundido e completamente misturado, de forma que a partir dele, sou uma composição, formo um único composto. E é assim de tal forma que, qualquer coisa que afeta meu corpo, eu consigo sentir, o que afeta meu corpo está diretamente afetando minha alma. O corpo é substancialmente unido a alma, intimamente misturado. Entretanto, esses sentimentos e sensações que me aparecem são completamente confusos, a união fornece um conhecimento obscuro e confuso dos sentidos.

Anteriormente neste texto, na apresentação da prova do mundo externo oferecida por Descartes, vimos que o acesso ao mundo material é por via dos sentidos, a mente humana é passiva ao perceber o mundo externo, as ideias sensoriais, enquanto que o mundo externo é a atividade que produz essas ideias na mente. Com a reconstrução da prova da união corpo e mente, podemos ver também a participação dos sentidos: é através dos sentidos que somos levados a crer na existência da união da substância extensa e pensante, embora elas sejam completamente distintas e excludentes.

As ideias sensoriais permitem conhecer a união da substância extensa com a substância pensante. O que isso poderia agregar em nossa busca pela compreensão da causa do conteúdo da ideia sensorial? A prova reitera que as ideias sensoriais são causadas por corpos. Com a tese da união, Descartes novamente nos oferece que o corpo é causa

³¹ Parágrafo 24 da Sexta Meditação em R, DESCARTES. *Meditações sobre a filosofia primeira*. Tradução: Fausto Castilho – Ed bilíngue em latim e português – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

das ideias de corpo na mente. Como foi argumentado anteriormente, sabemos que o corpo é causa da realidade formal da ideia sensorial, de seu ato de pensar, já com a união, podemos falar do conteúdo dessa ideia. Dado que o que é oferecido pelo corpo afeta diretamente minha alma, sabemos que o conteúdo da ideia sensorial também é causado por corpos. É somente a partir da união corpo-mente que sabemos como o conteúdo da ideia sensorial é determinado. Recapitulando e mais precisamente, é por meio dos sentidos que prova da existência da união corpo-alma se inicia e é concluída. Com a união sabemos qual é a causa do conteúdo de nossas ideias sensoriais porque uma vez que corpo e alma se unem, o corpo envia dados para a mente e com isso quando é afetado, sei o que afeta meu corpo e onde afeta, sei como as ideias sensoriais são originadas, como seu conteúdo se determina. Mas também, como foi visto anteriormente em meu texto, não há uma semelhança de propriedades essenciais entre a ideia sensorial e o corpo, mas uma semelhança de graus de realidade e é por meio dessa semelhança que sei que o conteúdo de uma ideia de x pertence a x .

Além disso, para confirmar minha posição, em uma carta à princesa Elizabeth, de 21 de maio de 1643, Descartes escreve “Finalmente, no que diz respeito à alma e ao corpo juntos, temos apenas a noção de sua união, da qual depende nossa noção do poder da alma para mover o corpo, e o poder do corpo para agir sobre a alma e causar suas sensações e paixões.” A união fornece sentimentos, ideias dos sentidos, embora eles sejam sentimentos obscuros e confusos, sabemos o que causa seu conteúdo. Mas ainda é necessário continuar a investigação, pois isso ainda não é capaz de conciliar a afirmação de que as ideias sensoriais são inatas e mesmo assim, causadas por corpos, que é o que precisamos provar.

Sabemos que o conteúdo exibido na ideia sensorial são os corpos, mas precisamos continuar a investigação para saber qual é o mecanismo de operação que faz com que isso ocorra. É através da descoberta do mecanismo de como a ideia é determinada que podemos afirmar que as ideias são diferentes uma das outras, quando tenho ideia de x em vez de y . Enquanto o corpo é apenas responsável pela realidade formal da ideia sensorial, não podemos diferenciar uma ideia de outra, o ato de pensamento é o mesmo. Quanto à realidade objetiva precisamos ainda buscar o mecanismo de determinação do conteúdo da ideia sensorial.

7. A noção da inatidade das ideias sensoriais e seu conteúdo

Em uma carta para Mersenne, de 22 de junho de 1641³², Descartes afirma que usa o termo “ideia” para expressar tudo que pode estar no pensamento. Ele afirma ainda que há ideias adventícias, compostas e inatas. Ao falar das inatas, Descartes dá exemplos: “[as ideias] são inatas, como a ideia de Deus, mente, corpo, triângulo e, em geral, todos aqueles que representam essências verdadeiras, imutáveis e eternas”. Sabemos então alguns exemplos de ideias inatas, resta saber o que significa a inatidade das ideias e em que medida as ideias sensoriais são inatas, que é o que nos interessa pesquisar.

Mais tarde, em outra carta para Mersenne, de 22 de julho de 1641, Descartes afirma que:

no conjunto, penso que todas aquelas [ideias] que não envolvem nenhuma afirmação ou negação são inatas em nós; pois os órgãos dos sentidos não nos trazem nada que se pareça com a ideia que surge em nós por ocasião de seu estímulo, e por isso esta ideia deve ter estado em nós antes.³³ (grifo meu)

Quando Descartes diz que a ideia inata deveria estar em nós antes, devemos avaliar com cuidado o que isso significa. O fato da ideia ter antes estado em nós pode significar, sugiro, que a ideia é inata na medida em que ela pertence ao mecanismo do nosso pensamento, e não que ela está pronta em nosso pensamento desde sempre, ela não possui nem uma afirmação e nem uma negação, ela apenas exhibe, mas não formula um juízo sobre os conteúdos das ideias.

Dado isso, podemos passar para a definição de inatidade em **Comentários de um Programa**. Em resposta a Regius, a respeito da natureza de o que a substância pensante é ou pode ser, Descartes afirma que:

(12) A mente não tem necessidade de ideias, ou noções, ou axiomas que são inatos: sua faculdade de pensar é tudo que precisa para realizar seus próprios atos. (13) Assim, todas as noções comuns que estão gravadas na mente têm sua origem na observação das coisas ou na instrução verbal.³⁴ (grifo meu)

³² CSM III 183.

³³ CSMK 202.

³⁴ CSM I 295, AT VIII B 345.

Com essa afirmação do axioma 12, podemos dizer que a inatidade da mente em Descartes não sustenta um suposto argumento que usa a definição de inatidade para negar que haja uma produção efetiva das ideias sensoriais na mente afirmando que a ideia é inata na medida em que está pronta no pensamento. Essa afirmação confirma o que vimos acima, isto é, que a noção de inatidade diz respeito ao próprio mecanismo de atuação da mente.

Ainda em **Comentários**, Descartes sustenta que “essas coisas [objetos sensoriais] [...] transmitem algo que, exatamente naquele momento, dá à mente a ocasião de formar essas ideias por meio da faculdade inata a ela”³⁵(grifo meu). Essa passagem pode favorecer minha visão de que para Descartes, da alegação de que a mente produz as ideias não se conclui a necessidade de uma ocasião. É possível que o termo “ocasião” aqui usada não tenha o sentido que defendem os ocasionalistas. Minha hipótese é que, segundo Descartes, numa primeira fase, a mente é passiva ao receber os dados do mundo externo como foi provado na Terceira Meditação. Mas além disso, em uma segunda fase, a mente produz as ideias sensoriais a partir dos signos pelos quais ela recebeu do corpo. Assim, é plausível sustentar que, segundo ele, tanto a mente quanto o corpo são ativos, em algum momento, na produção das ideias sensoriais. E enfim, considerando essa passagem citada, podemos afirmar que ao receber as ideias sensoriais o mecanismo da mente é tal que ela identifica e interpreta os signos que são oferecidos a ela por meio dos sentidos. E se é assim, a mente faz parte da produção efetiva das ideias sensoriais e isso não necessariamente inclui a noção de experiência sensível como ocasião. É possível interpretar que a mente é o meio intermediário que interpreta essas ideias que são recebidas do mundo externo e faz com que tenhamos ideia de x em vez de y. Vejamos como na Sexta Meditação isso fica claro. Descartes escreve que

[...] quando sinto uma dor no pé, a Física me ensinou que essa sensação se produz por obra dos nervos esparsos pelo pé, os quais se estendem dali até o cérebro, à semelhança das cordas, os quais, quando puxados no pé, puxam também as partes interiores do cérebro, nas quais ele terminam, nelas excitando um certo movimento que a natureza instituiu para afetar a mente com a dor sentida como existente no pé³⁶.

³⁵ CSM 9 304 – ATVIII B 359.

³⁶ Parágrafo 35 da Sexta Meditação em R, DESCARTES. Meditações sobre a filosofia primeira. Tradução: Fausto Castilho – Ed bilíngue em latim e português – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

O corpo envia sinais para mente que os interpreta gerando as ideias sensoriais. E é por instituição divina que a mente interpreta de um modo ou de outro os sinais que o corpo envia. É por decreto divino que a mente, ao receber sinais do corpo, os interpreta como signos, o que por fim resulta nas ideias sensoriais. Aqui, como pode ser visto, me alinho tanto com Chignell quanto com De Rosa: os dois defendem que é por meio do mecanismo da mente, que é inato e interpreta os sinais que são enviados pelos corpos, que as ideias sensoriais são geradas. Minha ideia é que tanto a mente quanto o corpo possuem papéis ativos. Nesse caso me alinho mais com De Rosa, pois ela afirma que é a própria natureza explicativa da ideia inata que explica a causalidade corpo-mente, enquanto que Chignell afirma que o corpo, na causalidade corpo-mente, é uma causa remota e acidental das ideias sensoriais. Eu defendo, como foi visto anteriormente no texto, que há uma causalidade efetiva do corpo sobre a mente no que diz respeito as ideias sensoriais, e essa causa não é remota ou acidental. Pode-se dizer que se trata de uma causa parcial, mas não de uma causa remota.

Retomando, ainda em relação a passagem na qual Descartes responde a Regius, no axioma 13, é confirmado que as ideias sensoriais não estão prontas na mente como eu apontei anteriormente. A característica da mente de ter ideias inatas faz parte de sua natureza e não quer dizer que as ideias estejam prontas ou sejam anteriores aos corpos. Pela passagem também podemos pensar e concluir que por meio dela, Descartes deixa a possibilidade de que as ideias sensoriais sejam inatas e, ao mesmo tempo, causadas por corpos.

Pretendo defender, em oposição a Chignell, que o corpo tem um papel ativo efetivo e próximo na produção das ideias sensoriais na causalidade Corpo-Mente, embora a mente também seja ativa na geração das ideias sensoriais. A mente tem um papel ativo, no qual consiste em ser o mecanismo que identifica e interpreta os signos que são enviados a ela por meio dos corpos, o que tem por consequência a geração das ideias sensoriais. Seu papel é por meio de seu próprio mecanismo, sua própria natureza que foi assim instituída por Deus, embora ela seja passiva em relação ao recebimento das ideias de corpo, como vimos na prova do mundo externo oferecida por Descartes na Terceira Meditação. É graças a instituição de Deus que a mente interpreta um sinal de um determinado modo e não outro.

O que traz ainda mais veracidade para essa interpretação é que, em sua *Dióptrica*, Descartes, ao falar de como o mundo externo é concebido, sustenta que “são os movimentos que compõem este quadro que, agindo diretamente sobre nossa alma, na medida em que ela está unida ao nosso corpo, são ordenados pela natureza para que ela tenha tais sensações”³⁷. Com essa passagem podemos reiterar que é por instituição divina que o mundo externo age sobre a alma que forma (produz) determinadas sensações e não outras.

8. Problemas textuais: uma possível objeção

Dada a noção de inatidade e que o corpo também atua como causa do conteúdo das ideias sensoriais expostas, é necessário considerar uma possível objeção que se apoia em uma certa passagem de **Comentários de acerca de um Programa**. Em **Comentários**, Descartes, ao falar de causas, fala de causas primárias e próximas e remotas e acidentais, como mencionado anteriormente na discussão a posição de Chignell. Veremos a passagem de uma forma mais esclarecida. A partir de uma analogia, levando em consideração a tese ocasionalista (de Garber, Gohram, etc) e também a tese até aqui defendida que se alinha parcialmente à tese de causa efetiva (de Chignell), alguém poderia afirmar que o corpo é uma causa remota e acidental das ideias sensoriais, já que para esses intérpretes as ideias sensoriais têm por sua origem a inatidade e/ou a passividade do corpo em sua produção.

Em um argumento recorrendo a uma analogia com os trabalhadores, é possível compreender melhor o conceito de causa remota aqui em questão. Segundo Descartes, algo deriva seu ser de algo somente por duas razões: “ou a outra coisa é sua causa próxima e primária, sem a qual não pode existir, ou é uma causa remota e meramente acidental, o que dá à causa principal ocasião de produzir seu efeito em um momento e não em outro”³⁸. Com isso, recorrendo à analogia podemos afirmar que os trabalhadores são causas primárias de seu trabalho, enquanto que aquele que ordena o trabalho é uma causa acidental. Isto é, a causa acidental ou remota consiste naquilo que oferece instruções para os trabalhadores executarem seu trabalho.

³⁷ CSM I 167; AT VI 130.

³⁸ CSM I 305, AT VII 360.

Penso que a passagem pode ser interpretada da seguinte forma: os corpos são causas primárias e, na medida em que a mente é responsável por instruir essa causa primária, ela seria uma causa secundária, embora ativa, das ideias sensoriais. Tanto o corpo quanto a mente possuem um papel efetivo e ativo na causalidade corpo-mente, o corpo é uma causa primária porque sem ele a ideia não poderia ser produzida, a mente é passiva nesse primeiro momento. E em um segundo momento, a mente produz as ideias sensoriais a partir dos dados enviados pelos corpos por meio de sua faculdade inata. O que sustenta essa afirmação é o argumento para a existência das coisas materiais na Terceira Meditação³⁹ das **Meditações Metafísicas** que afirma que a mente é passiva e recebe os dados externos e o argumento deixado no **Tratado do homem ou Tratado da Luz**⁴⁰, onde Descartes afirma que a mente produz as ideias de luz. Sendo assim, seria o próprio mecanismo da mente o responsável por gerar uma ideia e não outra, a mente, ao receber as ideias de corpo, com seu mecanismo, é quem identifica as ideias, seus conteúdos e afirma que um é diferente do outro. Assim temos uma causa primária e secundária das ideias de corpo.

Para discutir isso, retomo o argumento do mecanismo da mente que interpreta os signos que a ela são enviados. O que apoia essa leitura das causas com a analogia dos trabalhadores são os escritos de Descartes deixados no **Tratado da Luz**, no capítulo 1, da diferença que há entre nossos sentimentos e as coisas que os produzem, ele escreve que ao receber ideias de corpo, a natureza estabeleceu (Deus) um determinado signo que nos faz ter uma sensação e não outra, mesmo que o signo não tenha nenhuma semelhança com a sensação, vejamos, ele afirma que: “[a natureza] ter estabelecido certo signo que nos faça ter o sentimento de luz, mesmo que tal signo nada tenha em si que seja semelhante a esse sentimento [...]”⁴¹

Ainda mais a frente, Descartes afirma que “nossos ouvidos nos fazem verdadeiramente sentir apenas o som das palavras e nossos olhos, apenas o semblante daquele que ri ou chora, e que é nosso espírito que, tendo retido o que significam essas palavras e esse semblante, no-lo representam ao mesmo tempo.” Podemos concluir,

³⁹ Parágrafo 18 da Terceira Meditação em R, DESCARTES. *Meditações sobre a filosofia primeira*. Tradução: Fausto Castilho – Ed bilíngue em latim e português – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

⁴⁰ AT I, 4; CSM, 81.

⁴¹ Descartes, R. **O mundo (ou Tratado da luz) e O homem**. Apresentação, apêndices, tradução e notas: César Augusto Battisti, Marisa Carneiro Donatelli. Editora da Unicamp. Campinas, São Paulo, 2009.

portanto, que é por instituição divina que acontece a transação das ideias de corpo, é pelo mecanismo da mente, que foi estabelecido por Deus, que interpretamos um signo que nos faz ter uma determinada sensação, um determinado conteúdo e não, outro. Com isso, mente e corpo são causas efetivas das ideias sensoriais.

9. Considerações finais

Minha conclusão é oposta a tese que sustenta não poder haver causalidade formal, mas apenas ocasional entre Corpo-Mente com base na tese de que não há nenhuma propriedade em nossas ideias sensíveis que esteja formalmente contida nos corpos e que, portanto, não há a semelhança necessária para corpo ser causa de ideia. Em oposição, eu concluo que Descartes defende que há causalidade formal entre mente e corpo porque, como foi argumentado, em nossas ideias sensíveis, há algo que é semelhante aos corpos, embora não seja uma questão de uma semelhança de propriedades, mas sim de graus de realidade.

Argumentei ainda que a causalidade, em ambas as formulações apresentadas por Descartes na Terceira Meditação, podem ser compreendidas em termos de graus de realidade. Uma vez que entendo o conceito cartesiano de causalidade em termos de graus de realidade, mostro que não há uma leitura Fraca e uma leitura Forte do princípio, com base nas duas formulações apresentadas por Descartes na Terceira Meditação. Mostrei que a diferença entre as duas formulações talvez seja apenas aparente, pois nas duas é possível ler as formulações do princípio como envolvendo apenas graus de realidade ou semelhança de graus de realidade.

Dada a realidade formal da ideia sensorial e a sua causa, busquei compreender como o conteúdo da ideia sensorial é determinado, isto é, como sua realidade objetiva é

produzida. O objetivo foi mostrar que podemos afirmar que o corpo é causa formal e eficiente da realidade objetiva da ideia sensorial, mostrando que o corpo contém pelo menos tanto grau de realidade atual quanto as ideias sensoriais têm de realidade objetiva.

Em seguida trouxe os dois textos, “Descartes on Sensation – A defense of the Semantic-Causation Model” de Andrew Chignell e “Descartes and the Curious Case of the Origin of Sensoru Ideas” de Raffaella de Rosa com o objetivo de trazer uma pluralidade de visões a respeito dos caminhos que poderiam ser percorridos para chegar a uma causalidade eficiente corpo-mente e, além disso, oferecer um esboço da conclusão que eu pretendia afirmar, esta é, que corpo e mente são causas efetivas das ideias sensoriais. É por meio do recebimento de dados externos oferecidos pelo corpo para a mente que a ideia sensorial é produzida. Com isso, o objetivo foi concluir que tanto mente e corpo são ativos e efetivos na produção das ideias sensoriais.

Ofereci uma reconstrução da prova da união corpo-mente oferecida por Descartes em sua Sexta Meditação visando mostrar que as ideias sensoriais funcionam como pano de fundo para a prova. A prova da união é possível por meio das ideias sensoriais, que é a ponte que faz a conexão, porque ela mostra como o corpo age sobre a mente. A partir disso, busquei, nos textos de Descartes, argumentos a respeito da noção de inatidade, sobretudo da inatidade das ideias sensoriais, tendo como objetivo conciliar o fato de que as ideias sensoriais serem inatas e, ao mesmo tempo, causadas por corpos. Houve ainda um segundo objetivo nessa exposição, a saber, mostrar como o conteúdo das ideias sensoriais pode ser determinado a partir do próprio mecanismo do pensar, do sistema que compõe a própria inatidade. Por último, formulei uma possível objeção recorrendo ao que alguns comentadores alegam: as ideias sensoriais são causas remotas dos corpos, com isso busquei defender, mostrei porquê os corpos não podem ser causas remotas das ideias dos corpos.

Argumentei que não é possível que o corpo seja causa remota e sim causa efetiva e primária porque sem o corpo não haveria ideia sensorial. O corpo é causa primária da ideia sensorial porque é o corpo que envia o signo para que possa ser identificado pela mente. Mas essa causa primária é complementada pela a mente é, assim, uma causa secundária, porque tem a função de ordenar o que vai ser concebido. Dada toda essa argumentação, eu concluo que o corpo é causa da realidade formal e objetiva da ideia sensorial e, portanto, que é plausível compreender que, segundo Descartes, a causalidade eficiente entre corpo-mente é possível.

Referências

- CHIGNELL, ANDREW. **Descartes on Sensation A Defense of the Semantic-Causation Model**. Published in *Philosophers Imprint* volume 9, no 5, June 2009.
- DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas**; Tradução de Guinsburg e Bento Prado Júnior, 1ª Ed; Ed. Abril, São Paulo, 1973.
- _____. **The Philosophical Writings of Volume I**, translated by John Cottingham, Robert Stoothoff, Dugald Murdoch. First published 1985, printed in Great Britain at The Pitman Press, Bath. Ed. Cambridge University Press, EUA, 1985.
- _____. **The Philosophical Writings of. Volume III**, translated by John Cottingham, Robert Stoothoff, Dugald Murdoch and Anthony Kenny. First published 1991 reprinted 1995. Ed. Cambridge University Press, EUA, 1997. (CSMK).
- _____ **Descartes: Os Princípios da Filosofia Moderna. O Cartesianismo posto em Questões.**; Editor: Guido de Almeida; Vol. 3, Nº 1, em *Analytica*, UFRJ, Revista de Filosofia, Rio de Janeiro, 1998.
- _____. **Meditações sobre a Filosofia Primeira**; Tradução: Fausto Castilho – Ed. Bilíngue em latim e português- Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

- _____. **The Philosophical Writings of. Volume II**, translated by John Cottingham, Robert Stoothoff and Dugald Murdoch. First published 1984 20th printing. Ed. Cambridge University Press, EUA, 2008.
- _____. **O mundo (ou Tratado da luz) e O homem**. Apresentação, apêndices, tradução e notas: César Augusto Battisti, Marisa Carneiro Donatelli. Editora da Unicamp. Campinas, São Paulo, 2009.
- _____. **A Dióptrica**, 468-469. A Dióptrica. Traduzido do francês por José Portugal dos Santos Rosa, revisão técnica de Pablo Rubén Miranda, publicado por Scientle Studia, v.8.n, p. 451-86,. São Paulo, 2010.
- _____. **Discurso do Método & Ensaios**, organizado por Pablo Rubén Mariconda; traduzido por César Augusto Battisti, Érico Andrade, Guilherme Rodrigues Neto, Marisa Carneiro Donatelli, Pablo Mariconda; Paulo da Silva. Editora Unesp, São Paulo, 2018.
- DE ROSA, R. **Descartes' Causal Principle and the Case of Body-to-Mind Causation**. Received 11 June 2012; final version received 27 May 2013. *Canadian Journal of Philosophy*, Vol. 43, No. 4, 438–459, Rutgers University, Newark, NJ, 2013.
- _____. **Descartes and the Curious Case of the Origin of Sensory Ideas**. *Philosophy and Phenomenological Research* , doi: 10.1111/phpr.12421, Rutgers University, Newark, NJ, 2017.
- DICKER, Georges. **An Analytical and Historical Introduction, second edition**., Ed: Oxford University Press, 2013.
- GARBER, D. **How God Causes Motion: Descartes, Divine Sustenance, and Occasionalism**.. In *The Journal of Philosophy* Vol. 84, No. 10, Eighty-Fourth Annual Meeting American Philosophical Association, Eastern Division, 1987.
- _____. **Descartes and Occasionalism**. In *Causation in Early Modern Philosophy Cartesianism, Occasionalism, and Preestablished Harmony*, edited by Steven Nadler, Pennsylvania State University Press, 1993.
- GORHAM, G. **Causation and Similarity in Descartes**. In *New Essays on the Rationalists*, edited by R. J. Gennaro and C. Huenemann, 296 – 309. New York: Oxford University Press, 1999.
- _____. Descartes on the Innateness of All Ideas. *Canadian Journal of Philosophy* 32: 355 – 388, 2002.
- KAUFMAN, D. **Descartes on Composites, Incomplete Substances, and Kinds of Unity**. *Archiv f. Gesch. d. Philosophie* 90. Bd., S. 39–7 Walter de Gruyter, 2008.

- MOAD, E. **Divine Conservation, Concurrence, and Occasionalism**. In *International Philosophical Quarterly*, Volume 58, Issue 2, 2018.

-O'NEILL, E. Mind-Body Interaction and Metaphysical Consistency: A Defense of Descartes. **Journal of the History of Philosophy** 23: 227 – 248, 1987.